

AS (IM)POSSIBILIDADES DE FAZER PSICANÁLISE NA ESCOLA

2011

Cristiane Silva Esteves

Psicóloga pela PUCRS, mestranda em Psicologia
Clínica pela PUCRS (bolsista CNPq) -Grupo de Pesquisa
Avaliação e Intervenção no Ciclo Vital.
Pós-Graduada em Atendimento Clínico,
ênfase em Psicanálise, pela UFRGS (Brasil)
crissilvaesteves@gmail.com

Ângela Maia

Cristina Castro de Aguiar

Psicóloga pela PUCRS, formanda em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica de Adultos pelo
Instituto de Terapias Integradas de Porto Alegre.
cristina-aguiar@bol.com.br

RESUMO

Atualmente as escolas vivem um momento delicado de mudança significativa dos papéis atribuídos a ela e a cada integrante de seu campo de trabalho. Diante deste contexto, a Psicologia Escolar encontra-se diante de um grande desafio, o processo de ensino e aprendizagem do aluno dentro da escola. Este contexto abarcar possibilidades de mudança transversalizadas por queixas, falta de abertura para mudança, entre outras dificuldades. Desta forma, as escolas, a psicologia e a psicanálise apresentam-se como parceiras indispensáveis para o aperfeiçoamento e desenvolvimento das relações dentro do contexto escolar.

Palavras-chave: Psicologia escolar, psicanálise, (im)possibilidades

INTRODUÇÃO

Atualmente, as escolas vivem um momento delicado, diversos pais exigem que esta cuide e eduque seus filhos, transferindo algumas responsabilidades suas para a escola. Alguns alunos se

colocam como “reis” perante os professores e muitos desses sofrem da Síndrome de Burn Out¹. Neste contexto, a Psicologia Escolar encontra-se diante de um grande desafio que é o processo de ensino e aprendizagem do aluno dentro da escola, transversalizado pelas inter-relações presentes na mesma.

O trabalho do psicólogo estrutura-se a partir da compreensão e análise da realidade escolar, visando à conscientização e a reflexão de papéis, funções e responsabilidades dos indivíduos em relação (PATTO, 1990). Os psicólogos educacionais desenvolvem o seu trabalho em conjunto com os educadores e com todas as pessoas envolvidas na educação dos indivíduos de forma a tornar o processo de aprendizagem mais efetivo e significativo para o educando. Focam a sua ação em todas as áreas onde as experiências escolares têm impacto para os educandos, não se detendo apenas às necessidades dos mesmos na escola (PATTO, 2004).

Seu trabalho é preventivo, atuam junto a alunos de todas as idades, pais e professores, de forma a sanar os problemas que comprometam o bom desempenho e convívio social de qualquer um dos membros deste grupo. O trabalho visa à saúde mental de toda a comunidade escolar. (NOVAES apud ANDALÓ, 1984; CÂMARA, 2004).

O PAPEL DO PSICÓLOGO ESCOLAR

O psicólogo escolar deve evitar o olhar psicologizante, as interpretações reducionistas e as atitudes profissionais alienadas, radicais ou individualistas. Precisa estar aberto às mudanças, sendo necessário que possua, criatividade, capacidade de buscar, relacionar e integrar aspectos que tornem sua atuação mais eficaz (NOVAES apud CÂMARA, 2004). A atuação do psicólogo deve ser contextualizada, caracterizando a escola em que se trabalha, procurando saber as reais necessidades e possibilidades neste contexto (GUZZO apud CÂMARA, 2004).

É necessário, ao construir um projeto de intervenção em uma escola, considerar as peculiaridades da mesma, enfocando a relação professor-aluno e aluno-aluno. Com isso, visa-se o fortalecimento e o favorecimento de tais relações como parte constituinte da rede de apoio sócio-afetiva, co-responsável pelo desenvolvimento pleno e sistemático dos alunos em idade escolar, promovendo saúde mental (WAGNER, 2006).

De acordo com Pandolfi et al (1998), o psicólogo poderá propiciar um espaço de reflexão sistemático junto a estes profissionais, levando-os a repensarem suas práticas, ansiedades e dificuldades, propiciando maior autoconhecimento. Assim, é aberta a possibilidade de buscarem novas soluções para os problemas que vivenciam.

¹ Burnout é uma síndrome, na qual, o trabalhador se desmotiva de maneira que a sua relação com o trabalho perde o sentido, o entusiasmo, se desgasta, devido à tensão emocional constante, atenção permanente e demasiadas responsabilidades, o que o leva a desistir.

O papel do psicólogo escolar não é o de tratar alunos-problema e devolvê-los à sala de aula bem ajustados, e sim desfocar a atenção sobre o aluno como única fonte de dificuldades, procurando encontrar formas alternativas de enfrentá-las (ANDALÓ, 1984). Ele deve atuar transformando a demanda clínica em educacional, ou seja, a demanda individualizante numa demanda institucional, que dê conta de todos os espaços (GUZZO apud CÂMARA, 2004).

Conforme Ribeiro e Guzzo (apud CÂMARA, 2004), o psicólogo na escola é um especialista que colabora com outros especialistas, fazendo parte de uma equipe de profissionais que atuam como um todo, apesar de possuírem funções distintas. Dentro desse contexto, Maluf (apud CÂMARA, 2004) enuncia que os psicólogos escolares da atualidade desenvolvem algumas ações compatíveis entre si, tais como: elaboração de políticas educacionais, planejamento e avaliação de programas de ensino, capacitação de docentes, relações da escola com a família, enfrentamento de problemas de aprendizagem e de ensino, atendimento educacional a portadores de necessidades especiais, supervisão de estágios do curso de Psicologia, entre outras.

PSICOLOGIA EDUCACIONAL E PSICANÁLISE

De acordo com Kupfer (2001), há a possibilidade de articulação entre a Psicanálise e a educação, porque ambos têm sua atenção dirigida, principalmente, ao “eu”. A autora também afirma que “para a Psicanálise, a linguagem é condição do inconsciente, assim como é condição da Ciência, assim como é condição, fundamento, de toda construção cultural. Condição, portanto da construção das instituições humanas, e entre elas, a escola” (p.55).

A intersecção entre a psicologia escolar e a Psicanálise necessita, antes de tudo, ser cuidadosamente articulada, com as precauções necessárias para um enriquecimento dos dois campos. Isso deve ocorrer visto que há diferenças entre os objetos de interesse, as finalidades, os procedimentos, os operadores e, principalmente, quanto aos sujeitos que demandam por esses saberes (SANTOS, 2001).

Kupfer (2001) descreve a tendência das instituições a repetirem padrões antigos, sem abertura para a mudança, vivendo em uma mesmice, na tentativa de garantir sua permanência. Diante disso, a autora afirma que o psicólogo escolar pode propor os parâmetros da Psicanálise ao tentar mudar o que está cristalizado na escola. Um dos meios de proporcionar essa mudança é através da “escuta”, em seu sentido psicanalítico, ou seja, da leitura subjetiva daquilo que está sendo expresso. Kupfer (apud SANTOS, 2001) propõe mudanças pela via da re-significação, pela quebra das estereotípias ou ainda pela possibilidade de que cada professor ao falar, se escute e, dentro do possível, escute também o colega. Cerezer (2003) concorda com essa idéia ao inferir que “o fato de a Psicanálise se oferecer como um importante fundante do instrumento da escuta é o que nos possibilita, muitas vezes, contribuir para a leitura do mal-estar vivido pelo professor na sala de aula em relação ao ato educativo na atualidade” (p.58).

Voltolini (apud SANTOS, 2001) sugere que “o objeto de trabalho do psicólogo escolar não é a educação, mas, antes, as relações intersubjetivas das pessoas que se acham envolvidas no processo dentro da instituição escolar”. Dessa forma, Cerezer (2003) relata que a psicologia escolar é uma possibilidade de ampliar o campo de ação do psicanalista, principalmente porque este terá de se movimentar o suficiente para ouvir os pais e a escola, ou seja, a prática deste profissional não deve ser aplicada como uma clínica psicanalítica “ortodoxa”.

DIFICULDADES NA PRÁTICA ESCOLAR

Alguns autores postulam que o trabalho do psicólogo escolar não é valorizado, o considerando desnecessário e definindo a Psicologia Escolar como uma área secundária da Psicologia. Entre as dificuldades encontradas para a inserção da psicologia escolar, ressalta-se o desconhecimento por parte dos pais e da própria instituição quanto ao papel efetivo deste profissional. Apesar de saberem que o seu papel não é clínico, muitas vezes não vêem o psicólogo como um facilitador das relações de ensino-aprendizagem. Essa visão distorcida do papel do psicólogo escolar pode dificultar sua atuação e interação com os demais profissionais (ANDALÓ, 1984; CÂMARA, 2004).

Conforme Fernández (1994), a queixa funciona como uma maneira de confirmar um lugar de dependência. O professor que se queixa e se nega a trabalhar com a Psicologia, de alguma forma, confirma esse lugar, não questionando as suas práticas pedagógicas. É importante que o psicólogo tenha sempre em vista que a queixa desses professores também funciona como lubrificante da máquina inibitória do pensamento. Em outras palavras, essa queixa estaria a serviço de uma não-mudança, uma imobilidade. Cabe ao psicólogo perceber esse mecanismo para depois trabalhar essa questão junto ao corpo docente, discutindo metodologias de trabalho e intervenções que vão além de simplesmente ouvir as queixas (FERNÁNDEZ, 1994).

Andaló (1984) ainda descreve as queixas que mais freqüentemente aparecem junto à instituição-escola, dentre elas estão: dispersividade e desatenção, agitação, baixo rendimento, fraco nível de aprendizagem, rebeldia e dificuldades entre professor-aluno e entre os próprios alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, as escolas vivem um momento delicado de mudança significativa dos papéis atribuídos a ela e a cada integrante de seu campo de trabalho (professores, pais, alunos, etc.). Dentro deste contexto, a Psicologia Escolar encontra-se diante de um grande desafio: aprimorar o processo de ensino e aprendizagem do aluno dentro da escola. Para isso, vale-se de ferramentas

da Psicologia, da Pedagogia, da Psicanálise, entre outros campos do saber. Observando as peculiaridades de cada instituição e, principalmente, as relações estabelecidas entre seus membros.

A amplitude do ambiente escolar possibilita inúmeras alternativas de mudança, construídas pelo profissional da Psicologia, acompanhado por todos os demais integrantes da mesma. Estas possibilidades de mudança, assim como geram alívio e novos caminhos, também causam queixas, permeadas pela pouca ou nenhuma abertura para mudança, entre outras dificuldades. Portanto, para trabalhar neste contexto, o psicólogo deve estar bem preparado, observar atentamente cada contexto escolar em suas especificidades para, então, propor e construir conjuntamente alternativas de ação.

Pensando em todas estas variáveis, mostra-se premente o encontro entre escolas, Psicologia e Psicanálise, apresentando-se como parceiras indispensáveis para o aperfeiçoamento e desenvolvimento das relações dentro deste contexto. Somente com a abertura, o cuidado, a disponibilidade e a motivação para a mudança tornam-se possíveis ações facilitadoras e conciliadoras que possibilitem alterações reais, consistentes, construídas e compartilhadas por todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDALÓ, Carmem Silva de Arruda. *O Papel do Psicólogo Escolar – Psicologia: Ciência e Profissão*. Conselho Federal de Psicologia, ano 4, nº. 1/84,1984.

CÂMARA, Rosa Angélica de Mendonça. *Concepções e Práticas da Psicologia Escolar: Um Olhar através do Estágio Curricular Supervisionado*. 2004. 107 f. Monografia (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

CEREZER, Cleon. *A Escuta do Mal-Estar na Sala de Aula*. In: OUTEIRAL, José & CREZER, Cleon. *O Mal-Estar na Escola*. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

FERNÁNDES, Alicia. *A Mulher Escondida na Professora*. Porto alegre: Artes Médicas, 1994.

KUPFER, Maria C. *O que Toca a/à Psicologia Escolar*. In: MACHADO, Adriana Marcondes; SOUZA, Marilene Proença Rebello. *Psicologia Escolar: em busca de novos rumos*. Casa do psicólogo, 2001.

PATTO, Maria Helena Souza. *Ciência e Política na Primeira República: Origens da Psicologia Escolar*. Mnemosine, vol. 1, nº. zero. São Paulo: 2004.

PATTO, Maria Helena Souza (Org.). *Introdução à Psicologia Escolar*. São Paulo. T. A. Queiroz, 1990.

SANTOS, Leandro Alves Rodrigues. *Psicologia Escolar e Psicanálise: Saberes Antagônicos ou Intersecção ainda pouco explorada?* - *Psicanálise, Infância e Educação*. São Paulo: ano 3, 2001